



POETICÊNCIAS VII

*Elissandro dos Santos Santana****Pedaços de memória**

Estava nublado, um vento frio entrava pelas janelas e do alto da jaqueira ouvia-se o canto daquele lindo sabiá que costumava cantar todos os dias às três horas da manhã. De repente, aquele assobio doce e repetido, ao meio-dia, transportou-me para distante no tempo e, ao divagar pelas zonas mais sublimes da memória, senti o cheiro de manga madura no Pocinho, as vacas sedentas pelo saboroso doce das mangas bailavam, em sinestesia, debaixo das árvores, e tudo parecia como antes.

Zé dos Santos, grandioso e eloquente, amado, acima de tudo, àquela época, não era saudade; Neide, meiga e feliz, cuidava dos outros irmãos e minha Blimunda ainda era jovem, rosa desabrochando no corre-corre do dia a dia, em busca de sonhos para ela e para as crias, a quem defendia como leoa, uma mirandense de fibra, como diziam vó Maria e Pai Deca; Toinho, baixinho, amistososo e amável, estava na roça de cajueiros e, depois, com certeza, faria a ordenha de Branquinha, como sempre fazia todos os dias, pensando em Blimunda, nos meninos e nas meninas ainda em crescimento; Marquinho, falador e ligeiro embrenhava-se pela caatinga; Roberto sonhava em viajar e, Sandra, minha siamesa, vibrante e indomável, pulava pelas mangueiras, mais esperta que eu; Lailson, tímido ao extremo, cultivava mel natural; as gêmeas, Bel e Binha, as sobrinhas amadas, ainda não sonhavam em nascer; Arthurzinho, o doce da família, ainda não havia chegado e demoraria muito; Rosi, todavia, não morava em meu peito, pois não a conhecia, mas, de alguma forma já batia em meu coração, tamanho amor em construção; Rosely, como ainda não tinha surgido em minha jornada, todavia não havia me ensinado a sorrir com o mar e a amar detalhes, uma Deusa do Ébano; Jaquita ainda não sensualizava, com as pernas cruzadas na orla, fumando, parecendo Deusa do etéreo; Joce, a rainha sergipana, com olhos de ressaca poética, mesmo ao lado de minha terrinha, não havia brilhado em minha vidinha e nem me dado oportunidade de desfrutar de suas criações poéticas quentes e perspicazes; Barimezzo era o irmão que pedia a Pachamama e que estava em formação, pois logo viria para animar minha jornada; Heron, menino barroco, ainda não havia aparecido, mas chegaria para ficar; certo indivíduo metido a poeta apareceria e desapareceria como meteoro, para minha alegria; Jamy, talvez nem surgisse, mas despontou linda e radiante, com poesia nos olhos negros e profundos, uma verdadeira princesa afro-brasileira; Liu já me batia, brincando forte, e Fernanda, agora sorridente, não existia, penso; Sissa lembrava uma suculenta e pequena sissi nas frondosas mangueiras do Pocinho; Edvânia, feito criança, cantarolava, mesmo falando, lá para as bandas do Pau D'alho; Mica, tadinha, nem embrião era; Vânia era a meiguice em pessoa, lá para a capital, que, juntamente

* Especialista em Sustentabilidade, Desenvolvimento e Gestão de Projetos Sociais e em Linguística e Ensino de Línguas pelo Centro Universitário UNISEB (UNISEB), Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Espanhola pela Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC), Graduado em Letras (Espanhol) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

E-mail: lissandrosantana@hotmail.com.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7247738302577231>





com Ivan, menino bom, encantava a todos; Tia Iva, o carinho transfigurado, e Valderinho batalhavam na agitação do Salvador; Val, menina trabalhadora, já mimava o eterno Digo e a princesa Bia; Duduba ainda fedia a leite novo e crescia; Rosana já sonhava sem ser pisciana, toda melosa, meiga e inteligente; Dany estaria lá para os lados do Extremo Sul do Estado, bem na região amadiana, terra de poesia e cacau; Elizamara não existia, mas já se revelava; Laila tampouco era a linda que é; Nilda, Edilza e Nane estavam para chegar; Neuma, também, todavia, não havia aparecido; Zé Milton e Wilson também estavam para aparecer; Martinha Matos chegaria depois e traria açúcar à minha passagem pela vida; Dulce estava solteira e nem imaginava ter Liliinha e Libny, Sidmar, sem dúvidas, estaria para os rincões da terra da garoa e, assim, a vida seguia misteriosa na Rua dos Expedicionários. Eu, Brum, Hijo de Pachamama, Baquinho, Zinho, Trandro, ser de vários nomes, múltiplo desde a infância, ainda era aquela criança meiga, inocente, com a sexualidade aflorando, à flor da pele, construindo meus próprios desejos, ou, pelo menos, pensando serem meus.

A creche das freiras ainda existia e, por um instante, pensei ter ouvido gritos e choros de criança por lá. Só retornei à realidade após ouvir o choro de Matheus lá no quarto da frente. Antes de ir ao quarto onde estava meu sobrinho, coloquei a cabeça na janela e senti o cheiro da chuva que se anunciava. Sacudi-a e fiz um barulho que sempre costumo fazer quando renovo as esperanças na vida. Mas, enfim, fui ao quarto de Teteu, como costumo chamar meu sobrinho, e, quando lá cheguei, dei de cara com Mephys, Luna, Funny, Fausto, Willy, Sheik e Nietzsche. Riqueto, meu menino lindo, tímido e reservado, típico canceriano, o ser que mudou minha vida, que já era amado, mesmo sem eu conhecê-lo, os havia trazido ao meu passado, futuro-passado-presente em profusão, se é que isso é possível. Acreditar, ou não, é questão pessoal e não entrarei nesse mérito. Só sei que os gatinhos, os bichanos de minha vida, estavam miando. Um deles, Fausto, enroscava-se pelo chão e meu sobrinho, do berço, olhava as estripulias do felpudo de gravata branca no pescoço e patinhas alvas como o imaginário de neve que possuía desde a infância, quando o choro sumiu, escafedeu-se, como se costumava dizer quando algo desaparecia do nada lá para os cantos do sertão baiano, como mágica. Os gatos realmente são fantásticos, pois até as crianças, seres indomáveis, conseguem cativá-las, pensou.

Depois de verificar que tudo estava bem com Teteu, fui à sala buscar um livro de geografia, pois adorava ficar durante horas vendo os mapas com as características de cada país, imaginando, supondo como seriam as construções culturais em cada lugar, quais dores e alegrias povoavam os imaginários sociais em cada lugarejo espalhado pelo mundo. Sentei no sofá e comecei a folhear o livro, quando fui transportado pelos pensamentos até o dia em que perdi meu irmão em um tiroteio em Natal. Aquela noite de desespero parecia invadir o meu ser e fazia de minha vida uma eterna tristeza. A tristeza imperante só se desfazia quando abraçava Riqueto, meu porto seguro. Era o que fazia assim que o sono chegasse, correria para a cama e tentaria dormir ao lado dele, para esquecer um pouco as aflições.

Sem me deixar abater, decidi que não poderia pensar mais naquele fato e resolvi focar na leitura. Estava visualizando algumas informações sobre a geografia da Argentina, quando, de repente, alguém bateu na porta e, prontamente, aquele nervosismo que me persegue por toda a vida invadiu o meu ser, criou raízes. Abria ou não abria? Diria que estava doente ou não? O medo fez morada em mim, tremi e fui dormir abraçadinho com Riqueto.





Ruas cortantes

Sentado no banco que dava para o leste da cidade, aquele rapaz sem nome olhava, perplexo, os passos lentos da gente que, de vez em quando, ousava sair de todos os cantos para a praça. O trem havia partido há pouco mais de uma hora e, ali, com o celular, aproveitando a internet *wi-fi* do restaurante no qual costumava fazer as refeições noturnas, tentava distanciar-se dos olhares penetrantes das janelas. Com o fone no ouvido, acelerava o tempo e esquecia as ruas que controlavam os passos de todos.

Da pracinha, em totalidade, visitada pelos normativos, deu para perceber que, assim como o povo, a arquitetura da cidade foi toda projetada para o controle e aí de quem resolvesse desobedecer aos paralelepípedos e seixos dominantes. Alguns até se arriscavam, mas o tombo era feio e sempre acompanhado por olhares amolados, por isso, cortantes. O discurso das pessoas era uma faca amolada que amedrontava a plenitude de outros dizeres e pensares.

Do coreto, olhava as montanhas que aprisionavam as cabecinhas do lugar e, ao mesmo tempo em que admirava a beleza local, imaginava relações entre a mente tacanha dos seres da terra e as serras. Ao mesmo tempo, achava que a tacanhice do pensar deveria ser mais que isso, pois os montes sempre foram moradas de deuses.

Entre uma música e outra, levantava o olhar e percebia que estavam à espreita várias pernas de todos os tipos e desesperos.

Da sacada da estação ferroviária, um guardinha, controlado, tentava controlar. Não fazia mais que o papel de dominado a serviço do poder estatal.

Da lateral que dava para o rio, o som das águas ficava silente diante do grito de uma mãe para que o filho andasse como homem. Da porta da farmácia, era paquerado pelo dono e atendente da farmácia com nome de santo. A esposa do empresário percebendo o descontrole do marido silenciava os desejos daquele homofóbico enrustido. Do outro lado, um louco professor formado em filosofia, mas nada filósofo, fazia leituras equivocadas sobre governos socialistas e, assim, a vidinha seguia pelos bairros e vielas da cidadezinha repleta de seres perdidos nos casulos da existência.

Não fora a geografia da cidade, muitos transeuntes acostumados a cidades com seres mais abertos aos conceitos e à vida, a cidadezinha cairia no esquecimento, mas Deus foi misericordioso e desenhou a cidade para o delírio dos olhos de todos.

